



Classica - Revista Brasileira de Estudos
Clássicos

ISSN: 0103-4316

revistaclassica@classica.org.br

Sociedade Brasileira de Estudos
Clássicos
Brasil

Frade, Gustavo

CONTROLE DA INFORMAÇÃO E LIDERANÇA NAS AVENTURAS DE ODISSEU
(ODISSEIA, 9-12)

Classica - Revista Brasileira de Estudos Clássicos, vol. 32, núm. 2, 2019, pp. 217-233

Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos

Belo Horizonte, Brasil

Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=601770920012>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

CONTROLE DA INFORMAÇÃO E LIDERANÇA NAS AVENTURAS DE ODISSEU (*ODISSEIA*, 9-12)

Gustavo Frade*

Recebido em: 18/10/2019

Aprovado em: 29/11/2019

* Professor Adjunto,
Departamento de
Letras, Universidade
Federal de Juiz de
Fora.

ghmfrade@gmail.com



RESUMO: As aventuras de Odisseu, narradas por ele mesmo para os feácios, têm como eixo narrativo a viagem para o Hades onde o herói escuta as profecias de Tirésias, depois complementadas por Circe. Esse núcleo divide as aventuras de Odisseu em três partes: uma primeira, em que as ameaças à tripulação são desconhecidas e imprevisíveis; uma segunda, em que Odisseu já sabe antecipadamente quais desafios esperar ao longo do percurso (mas dosa o conhecimento destes por seus companheiros segundo seu próprio discernimento); e uma terceira, em que, com a realização de uma das três possibilidades da profecia, Odisseu se vê sozinho e mais uma vez diante de um mar imprevisível. O objetivo deste artigo é mostrar como a informação e o seu controle são usados na construção da tensão entre Odisseu e sua tripulação na *Odisseia*.

PALAVRAS-CHAVE: Controle da informação; liderança; Odisseu; *apólogoi*; *Odisseia*.

INFORMATION CONTROL AND LEADERSHIP IN ODYSSEUS' ADVENTURES (ODYSSEY, 9-12)

ABSTRACT: The adventures of Odysseus, told by himself to the Phaeacians, have as a narrative axis the journey to Hades where the hero listens to the prophecies of Tiresias, later complemented by Circe. This kernel divides the adventures into three parts. In the first part the threats to the crew are unknown and unpredictable; in the second part, Odysseus already knows in advance which challenges to expect along the course (but he only shares this knowledge with his companions according to his own discernment); in the third part, with the fulfillment of one of the three possibilities of the prophecy, Odysseus finds himself alone and once more facing an unpredictable sea. The main objective of this paper is to show how information and its control are used to build the tension between Odysseus and his crew in the *Odyssey*.

KEYWORDS: Information control; leadership; Odysseus; *apólogoi*; *Odyssey*.



1. INTRODUÇÃO: O RELATO DE ODISSEU

A proposta deste artigo é ler o relato de Odisseu aos feácios, ocorrido entre os cantos 9 e 12 da *Odisseia*, considerando principalmente o tema que chamo de controle da informação. As aventuras do herói, nessa perspectiva, são estruturadas em três fases: uma primeira, em que ele navega sem nenhuma orientação divina, exposto, portanto, ao inesperado da viagem (e cada vez mais exposto ao inesperado conforme adentra o espaço além da geografia das sociedades humanas conhecidas, depois do cabo de Maleia); uma segunda, em que toma decisões tendo em mente as informações privilegiadas que Tírésias e Circe antecipam sobre a sequência de sua viagem; por fim, uma terceira, em que a antecipação atinge seu limite (depois da estadia em Trinácia) e o herói novamente narra sua experiência diante do caminho que, da sua perspectiva de personagem humano, volta a ser indeterminado.

Nas duas primeiras fases – já concluídas no início da narrativa e nas quais Odisseu não contava com a ajuda de Atena –, um dos temas desenvolvidos no relato é a tensão entre o capitão e sua tripulação. Na construção e no clímax dessa tensão, é recorrente um mesmo problema: a falta de transparência entre o líder e seus comandados. Na estadia na ilha do gado do Sol, última aventura dos tripulantes, o modo como Odisseu lida com as informações privilegiadas que havia recebido acaba ganhando uma posição estranha e talvez até ambígua em sua própria narrativa.

Antes de explorarmos nosso tema, vale lembrar que o relato das aventuras de Odisseu se encaixa na *Odisseia* não só pelo interesse dos poemas homéricos na narração de histórias peculiares, mas também pela perspectiva das necessidades dos personagens dentro do enredo. O relato das aventuras é uma estratégia do herói para ser mais persuasivo ao pedir que os feácios o transportem o mais rápido possível para Ítaca, como parte final das práticas da hospitalidade homérica.¹ Como narrador em primeira pessoa, Odisseu conta

¹ É a leitura de Glenn Most (1999, p. 492-5), que, mais do que isso, afirma que o tema da recepção do hóspede, recorrente nas aventuras de Odisseu (sobretudo negativamente, em que comê-lo em vez de oferecer-lhe comida seria o extremo de má recepção), é uma estratégia de enfatizar os deveres apropriados aos anfitriões (feácios), uma vez que não pode ter certeza sobre como sua estadia ali terminará. O transporte faz parte do costume de se receber um hóspede e aparece como último elemento da hospitalidade homérica e das cenas de recepção na *Odisseia* (cf. Reece, 1993, p. 6-39). O objetivo de Odisseu em garantir seu transporte é também a leitura de Marianne Hopman (2012, p. 1-22), que lê todo o episódio dos feácios como um longo teste em que se constrói uma expectativa quanto a sua hospitalidade ou não e que contrasta essa leitura com interpretações que, desde a Antiguidade, tomam os relatos de Odisseu como uma jornada moral e mental, uma experiência de morte e renascimento. Esses temas do retorno à sociedade, reintegração ao mundo mortal e recuperação da identidade perdida, reforçados na interpretação de Charles Segal (1994, p. 14-5), fazem parte dos temas principais das aventuras de Odisseu e seu relato aos feácios, mas dentro dessa motivação de Odisseu como personagem. O mesmo vale para Pietro Pucci (1998, p. 140), que entende que a função de fazer Odisseu contar sua própria história em primeira pessoa é a revelação de uma identidade impossível de capturar, fazendo com que a viagem não seja uma jornada de descoberta, mas uma viagem em que a recuperação de si é constantemente prometida e comprometida. Irene de Jong (1992, p. 11)

sua história de seu ponto de vista emocional, comentando-a a partir de suas próprias avaliações.² Considerando isso, talvez até seja possível dizer que ele, como último dos heróis épicos do ciclo troiano a retornar para casa, tenta se mostrar um líder preocupado e responsável, valorizando os feitos de sua inteligência, autocontrole e coragem, e lidando com a insubordinação de seus companheiros insensatos.³ Entretanto, sua própria narrativa, nos detalhes, admite que a relação entre o líder e seus homens não é assim tão simples.⁴

Isso não necessariamente nega que Odisseu seja o herói do retorno (*nótos*) caracterizado pela inteligência (*nóos*), e que seus companheiros sejam os homens que perdem o retorno por falta de inteligência, mas explicita como a *Odisseia* é uma elaboração sofisticada

também considera o objetivo de Odisseu como sendo o de se mostrar merecedor do transporte que os feácios prometem e menciona que, tradicionalmente, essas histórias eram lidas da perspectiva do uso não do personagem, mas do poeta, que transforma elementos do folclore em narrativa épica. Nessa perspectiva, Karl Reinhardt (1995, p. 65-71, originalmente uma aula inaugural apresentada em 1942) lia as aventuras de Odisseu como uma narrativa construída a partir de elementos folclóricos e de contos de fadas adaptados à poesia épica tendo a *Ilíada* como modelo. Para ele, num momento anterior ao da consolidação da *Odisseia* como a conhecemos, inclusive, Odisseu seria capitão de um único barco, não de uma frota, uma vez que as únicas aventuras em que cabe a frota são as dos cícones e dos lestrigões. Essas aventuras folclóricas não incluiriam a aventura de Trinácia, nem Calipso, que teriam sido elaboradas já para o formato épico da *Odisseia* (Reinhardt, 1995, p. 71 e p. 103).

² É a síntese de Irene de Jong (1991, p. 1-11), que ainda observa bem que ele pode eventualmente se aproximar do narrador homérico onisciente e contar o que se passava no Olimpo (12, 376-88) por ter posteriormente recebido informações de Calipso, que, por sua vez, escutou de Hermes (12, 389-90), e contar também o que se passava na mente de seus companheiros (10, 415-7) por eles depois terem lhe relatado como se sentiram (10, 419-21). Sem nenhuma fonte, ele só pode imaginar as motivações de outros personagens sem muita certeza (como em 9, 339). Deborah Beck (2005, p. 213-20), comparando as narrações de personagens e do narrador homérico, conclui que o modo de contar dos personagens varia bastante, menos o de Demódoco, o aedo, que não se distingue do narrador e usa o mesmo repertório formular e a mesma técnica narrativa de contar sem precisar explicar como soube dos eventos (precisamente a voz de um aedo). Outros personagens que tomam o papel de narrador de histórias, como Odisseu e Menelau, têm uma perspectiva limitada, ligada a suas experiências, e precisam dar a fonte das informações que obtêm ou serem testemunhas daquilo que relatam, além de utilizarem as estruturas formulares de formas diferentes em relação ao narrador da *Odisseia*.

³ Pietro Pucci (1998, p. 151) aponta como Odisseu, na aventura dos cícones, atribui para si as ações heroicas (9, 39-40) e o comportamento sábio (9, 43-4); para “nós” (ele e os companheiros), a captura de butim e a derrota na batalha; e, finalmente, a “eles”, o exagero (9, 45-6) e a derrota final (9, 60-1).

⁴ Christian Werner (2005, p. 11) observa que, embora os relatos valorizem esses feitos de Odisseu e confirmem a visão apresentada no proêmio de que a tripulação acaba morrendo por sua própria insensatez, eles não deixam de revelar “fissuras que balançam a imagem monolítica que construímos do herói” e de apresentar outras causas para a morte de companheiros antes de Trinácia, como “deuses, a insensatez dos companheiros, erros de Odisseu, a *moira*, etc.”. A compreensão de Charles Segal (1994, p. 34-5) é que Odisseu se torna progressivamente menos hábil em comandar seus homens.

desses temas, modalizando e humanizando a falta de inteligência dos companheiros e a inteligência de Odisseu.⁵

2. INDETERMINAÇÃO: A PRIMEIRA PARTE DAS AVENTURAS

Odisseu começa seu relato dizendo que, depois que zarpar de Troia, o vento levou sua frota para Ismaro, na terra dos cícones (*Od.* 9, 39), ainda entre as sociedades humanas da épica grega.⁶ É significativo que seu retorno já comece um pouco fora de seu controle: ao menos pelo modo como ele narra, foi o vento que o tocou para lá, e não algum tipo de decisão quanto ao trajeto.⁷ Entre os cícones, ele se dedica às atividades tradicionais do herói grego arcaico: o saque e a chacina (*Od.* 9, 40-1). O que há de relevante aqui é o primeiro atrito entre capitão e tripulação logo em sua primeira parada: Odisseu não consegue convencer seus companheiros a tomar a boa decisão de seguir viagem rapidamente (*Od.* 9, 43-4). Enquanto bebem e sacrificam vacas e ovelhas, são surpreendidos pelo contra-ataque reforçado dos cícones (*Od.* 9, 47-59). O herói ainda aproveita para se mostrar o capitão preocupado: antes de zarpar, chama três vezes os desaparecidos (seis de cada nau), que infelizmente já estavam mortos (*Od.* 9, 60-6). Também se mostra como o líder correto ao enfatizar a distribuição adequada do butim daquele primeiro saque bem sucedido (*Od.* 9, 42). A distribuição das riquezas faz parte das atribuições do líder na épica homérica e será uma questão para a tripulação na aventura de Éolo. De modo geral, nessa primeira aventura, Odisseu aparece bem intencionado, mas ao mesmo tempo incapaz de liderar adequadamente seus homens insensatos.⁸

Essa história de erro de estratégia e de reação inesperada, provavelmente não muito distante das situações da experiência prática do mundo grego arcaico, é a última antes da tempestade de dois dias no cabo de Maleia (*Od.* 9, 67-81), que levará a frota para a zona

⁵ Douglas Frame (1978, p. x), em seu estudo linguístico e literário sobre o mito do retorno na épica arcaica, sustenta a interpretação da história de Odisseu como o retorno (*nóstos*) do herói da inteligência (*nóos*), defendendo uma relação etimológica entre as duas palavras, que teriam a raiz comum *nes-, com o sentido de “retornar para a vida e para a luz”, relação que já não seria evidente na época de composição da *Odisseia* como a conhecemos, mas que teria deixado marcas em seus episódios e versos (Frame, 1978, p. 34). Nessa perspectiva, Odisseu é progressivamente separado de sua tripulação, porque “só os privilegiados podem atravessar a morte sem danos” (Frame, 1978, p. 39).

⁶ Os cícones aparecem como aliados dos troianos na *Iliada* (2, 846 e 17, 73).

⁷ Pietro Pucci (1998, p. 150) observa que Odisseu não só atribui a trajetória de seu retorno, de modo geral, a Zeus (*Od.* 9, 37-8), mas também responsabiliza por suas errâncias Possêidon, os atos insensatos dos companheiros, algum deus anônimo e também o vento.

⁸ Karl Reinhardt (1995, p. 69) já via nessa aventura dos cícones o prelúdio do tema da desobediência dos companheiros, com uma história realista que se espelha no que serão as histórias do “mundo dos contos de fadas”. Bruce Loudon (1999, p. 4) acrescenta que essa primeira história já estabelece, além do padrão de insubordinação, também o da inabilidade de se controlar a tripulação.

além das sociedades humanas.⁹ Na aventura dos lotófagos, a primeira nessa zona, Odisseu precisa agir violentamente contra os companheiros que experimentaram a flor psicotrópica consumida por aquele povo, arrastando e amarrando os três homens resgatados (*Od.* 9, 98-9). Na lógica do herói épico, essa ação violenta seria pelo bem desses companheiros que perderiam a vontade de continuar a viagem depois de comer o lótus (*Od.* 9, 95-7). Ao mesmo tempo, a decisão acertada de enviar esses homens para obterem informações sobre os habitantes locais (*Od.* 9, 88-9) é o que garante a continuidade do retorno, embora, ironicamente, seja exatamente seguir viagem o que resultará na morte desses homens.¹⁰

A aventura do ciclope é das mais representativas da experiência de Odisseu diante do imprevisível. O herói, movido pela curiosidade diante de uma terra estranha,¹¹ até levanta a questão: se seus habitantes seriam arrogantes e selvagens ou se respeitariam a justiça, a hospitalidade e os deuses (*Od.* 9, 172-6). Esperando encontrar a hospitalidade familiar do mundo humano (*Od.* 9, 229 e 266-71), coloca sua vida e a de seus companheiros em risco (seis serão devorados por Polifemo, *Od.* 9, 289-93, 311 e 344).¹² Odisseu, quando aporta

⁹ Glenn Most (1999, p. 490) observa que os “episódios fabulosos” são marcadamente separados do resto da narrativa por tempestades de dois dias (depois do cabo de Maleia e entre as ilhas de Calipso e dos feácios), com o detalhe de que a terra dos feácios ainda é um espaço com características que estão além daquelas das sociedades humanas do mundo homérico, distantes do mundo da guerra e com seus navios sem piloto, seus autômatos e seus jardins que dão frutos sem serem cultivados. Bruce Loudon (1999, p. 78) imagina que essa primeira tempestade teria como causa a ira de Atena pelo roubo do *Palladium* e pelo estupro de Cassandra por Ajax (que morre em tempestade no cabo de Maleia, *Od.* 4, 512). A ira de Atena é mencionada (*Od.* 3, 135; 4, 502; 5, 108-9), mas não diretamente relacionada a esses eventos mitológicos do ciclo troiano (dentre os outros antigos poemas do ciclo épico, a *Pequena Iliada* (*Mikrā Iliās*), que conteria o roubo da estátua, e o *Saque de Ilion* (*Ilíou pérsis*); cf. West, 2013, p. 200 e p. 234). Camila Zanon (2018, p. 205) interpreta que essa zona é não só um espaço alheio ao das sociedades humanas, mas um espaço de uma temporalidade alheia, em que Odisseu pode interagir com seres de um tempo anterior da cronologia cósmica.

¹⁰ No contexto de um poema de retorno, os lotófagos, apesar de não violentos, são uma grande ameaça e, no contexto da hospitalidade, marcam um excesso desta (a estadia permanente), a qual se opõe a outro extremo representado pelo ciclope da aventura seguinte: a ameaça de comer o hóspede, subvertendo toda a hospitalidade. Para um estudo sobre o lótus e a interpretação de seus efeitos, além da posição dos lotófagos nas aventuras de Odisseu, cf. Assunção (2016).

¹¹ Karl Reinhardt (1995, p. 79) está certo ao afirmar que a caverna de Polifemo é o único lugar em que Odisseu narra ter chegado por sua própria vontade e deliberadamente, conforme seu próprio relato.

¹² O ciclope está entre os exemplos extremos de má hospitalidade que deseja devorar os seus hóspedes. Como bem explora Egbert Bakker (2013, p. 54-7), é uma subversão do banquete feita por seres sem lei, sem restrições sociais e que não têm necessidade do trabalho e não realizam sacrifícios, numa espécie de era de ouro pervertida. Bakker (2013, p. 69) ainda propõe que, depois dessa aventura, Odisseu aprende a controlar seu consumo de carne e a evitar outras ações que arrisquem seu retorno, aprendizado que o distancia da tripulação. Mais do que isso, Odisseu, que desde o início já tem suas tensões com a tripulação, entende que está numa zona não regida pelos costumes humanos. Sobre a estrutura das aventuras, Glenn Most (1999, p. 490) mostra como elas se organizam em perigos que ameaçam comer o hóspede, ou seja, a extrema falta de hospitalidade (ciclopes, lestrigões, Cila e

na ilha do ciclope, ainda não aprendeu que se encontra numa zona de perigos além de sua compreensão e, por isso, comete esse erro. São os companheiros que, sensatamente, suplicam que fujam abastecidos pelo roubo dos queijos e dos animais do ciclope. Odisseu insiste e, enquanto narra, admite que errou (*Od.* 9, 224-9).¹³ São os companheiros também que tentam depois convencê-lo a não provocar o ciclope cego, mais uma vez sem sucesso, o que provocará a prece de Polifemo e a fúria de Possêidon.¹⁴ A viagem amplifica todas as possibilidades do inesperado oferecidas pelo mundo e faz dele um homem cauteloso, que teme o indeterminado ao entrar em zonas desconhecidas, todavia isso ocorrerá apenas na terceira fase de sua jornada (*Od.* 5, 229; 5, 465; 6, 119).

É na aventura de Éolo que acontece o primeiro problema específico de comunicação entre o capitão e sua tripulação. Odisseu culpa seu próprio sono, ao fim de nove dias pilotando o barco, e a irreflexão (*apbradiéisin*) dos companheiros (*Od.* 10, 25-33).¹⁵ Entretanto, ao lermos a deliberação dos tripulantes antes de abrirem o saco dos ventos, narrada pelo herói sem uma explicitação da fonte dessa informação, duas coisas ficam claras: os homens não sabem

Caríbdis), ou que ameaçam impedir ou atrasar o retorno, ou seja, o excesso de hospitalidade (lotófagos, Circe, sereias e Calipso). Teodoro Assunção (2016, p. 289) sintetiza da seguinte forma: “composição em anel geometrizable e simétrica, isolada por duas tempestades de dois dias, a primeira das quais (no retorno a partir de Troia) separa os Cícones dos Lotófagos, na entrada do mundo não-humano, e a segunda, na saída para um espaço de transição, separa Calipso dos Feácios que (os últimos a receber Odisseu) realizam seu transporte a Ítaca: em torno da *Nékyia* (a viagem aos domínios de Hades) se agrupam dois conjuntos de cinco episódios de estrutura concêntrica semelhante, dois episódios externos (no 1º caso: Lotófagos e Circe; no 2º: Sereias e Calipso), seguidos por dois episódios internos (no 1º caso: Ciclope e Lestrigões; no 2º: Cila e Caríbdis), em cujo centro estaria um último episódio (no 1º caso: Éolo; no 2º: Trinácia), em um desenho cuja parte final lembra o de dois garfos”. O esquema gráfico pode ser consultado nesses dois artigos. Bruce Loudon (1999, p. 28) considera toda a organização da *Odisseia* como uma composição em anel, tendo a viagem aos domínios de Hades (mais especificamente, a recepção do relato dessa aventura pela corte dos feácios) como centro: Ítaca (cantos 1 a 4), Esquéria 1 (5, 282 a canto 8), Eeia (9 a 11, 332), *Intermezzeo* (11, 333-82), Eeia 2 (11, 383 a 12), Esquéria 2 (13, 1-187a), Ítaca 2 (13, 187b a 24).

¹³ Detalhe que Christian Werner (2005, p. 12) não deixa de ressaltar.

¹⁴ Rainer Friedrich (1991, p. 22-7) interpreta o erro de Odisseu da seguinte maneira: por ser o “homem heroico” num espaço em que esse comportamento não é mais adequado – e só levará à humilhação, incluindo o truque do nome (“Ninguém”), a grande sacada do homem da astúcia, mas também o abandono (mesmo que temporário) de sua identidade heroica –, Odisseu comete uma *hybris*, ou seja: ultrapassa os limites aceitáveis de comportamento, por sua ambição heroica (por exemplo, ao revelar seu nome) e pretensão moral (de colocar-se como culturalmente superior e disposto a testar os nativos). Para um apanhado de interpretações do erro de Odisseu, seguido de discussão, cf. Malta (2018, p. 301-14).

¹⁵ Irene de Jong (1992, p. 4) conclui, a partir disso, que as fraquezas humanas são as causas do desastre, não a influência de um deus malevolente. Minha leitura inclui o elemento da falta de transparência de Odisseu como líder. Karl Reinhardt (1995, p. 70) lembra que apenas os homens do navio de Odisseu são responsáveis por essa desventura, os tripulantes dos outros navios da frota não têm o menor papel nessa história.

que se trata desse item especial dado por Éolo e desconfiam do capitão, imaginando que ele esteja trazendo riquezas que eles, que fizeram a mesma viagem, não tiveram o privilégio de acumular (*Od.* 10, 34-45). Odisseu não transmite aos tripulantes a explicação que Éolo lhe dá ao equipar o saco dos ventos no navio (*Od.* 10, 19-24). Esse problema de transparência faz parte de uma estratégia narrativa para, usando a diferença entre a informação que Odisseu possui e a informação que ele repassa aos companheiros, explorar o sofrimento do herói por quase desembarcar em casa, ao mesmo tempo em que cria para a tripulação um motivo convincente e conveniente para arruinar o retorno e dar sequência às aventuras no mar: a desconfiança quanto à distribuição de riquezas feita pelo líder.¹⁶ Neste caso, a desconfiança é, a princípio, infundada, já que o herói não recebeu esse “caixa 2” do qual sua tripulação desconfia. Só não é infundada se levarmos em conta a distribuição da informação: é ela o que Odisseu, de fato, não compartilhou com seus companheiros. Pode, portanto, parecer estranho que ele não tenha informado sua tripulação. A princípio, parece ser apenas um episódio da tolice dos tripulantes causando o mal a si mesmos, mas pode estar aí subentendida uma ideia de que o controle da informação ou a exclusividade do conhecimento é prerrogativa do chefe, sem nenhuma pressuposição de transparência como questão vital para o interesse coletivo. Também o desfecho dessa aventura pode ser a manifestação de uma ideia subentendida de que o chefe não pode confiar no subordinado sem uma supervisão direta.¹⁷

Seguindo com a viagem, diante desse imprevisto desagradável, Odisseu refletirá sobre a alternativa de se matar, mas acaba decidindo por continuar (*Od.* 10, 49-52). Na aventura dos lestrigões, a frota é destruída, deixando apenas o barco capitaneado pelo próprio herói. Aqui não existe um problema de informação em primeiro plano. Mais uma vez, a questão principal é a dificuldade de lidarem com o mundo além do humano. Isso porque o primeiro encontro do grupo de batedores se dá com uma jovem junto a uma nascente, a filha de Antíates, espécie de duplo enganoso de Nausícaa, que os conduzirá não a um rei acolhedor, mas ao palácio de gigantes comedores de gente, não reconhecíveis à primeira vista (*Od.* 10, 105-24).¹⁸ Entretanto, mesmo nessa aventura, há uma questão. O navio do capitão conseguirá escapar por estar atracado a uma rocha fora do porto onde todos os outros navios da frota ficaram ancorados (*Od.* 10, 87-96), um recurso narrativo para separar o navio que escapará e os navios que serão afundados. Odisseu, como narrador, não explicita nenhum motivo para

¹⁶ Uma questão de distribuição desses recursos pelos chefes para seus homens está, por exemplo, no início da trama da *Iliada*, em que Agamêmnon ofende Aquiles, seu melhor guerreiro, privando-o de seu prêmio de guerra (no caso, um ser humano, Briseida, reduzida à posse de um guerreiro aristocrata).

¹⁷ Algo não muito distante de tal modo de pensar aparece de forma explícita na *Odisséia*, mas não numa situação diretamente comparável ao caso da tripulação. Trata-se de uma reflexão sobre o trabalho escravo conforme a ideologia aristocrática, colocada exatamente na boca do escravo de origem nobre, Eumeu: “escravos, quando os senhores não mais comandam, / então não querem mais fazer o apropriado” (*Od.* 17, 320-1).

¹⁸ Pietro Pucci (1998, p. 153) vê nessa aventura outro fracasso de Odisseu como comandante.

essa escolha diferente, então não fica claro se há alguma informação ou alguma desconfiança que não é repassada aos companheiros.¹⁹

Circe será a última parada da primeira fase das aventuras.²⁰ O estado de ânimo geral é o de tristeza e cansaço (*Od.* 10, 143, 201, 209). No quarto dia na ilha, Odisseu, diante dos companheiros, propõe uma reunião para que decidam o que fazer, mas reconhece não fazer ideia de onde estão, e que, desorientado, não consegue se localizar nem pelos astros (*Od.* 10, 190-3):

Amigos, não sabemos onde é a treva, onde, a aurora,
nem onde o Sol ilumina-mortal vai sob a terra
nem onde sobe. Mas planejem-se ligeiro
se ainda haverá uma ideia: eu não creio que haja.²¹

A tripulação tem muito fresca na mente a desgraça das últimas aventuras (*Od.* 10, 198-200), e o choro dos homens (10, 201-2) marca o desespero diante do desconhecido e da ameaça da morte violenta de alguma maneira imprevisível.

Nesse momento, Odisseu introduz em sua narrativa Euríloco (*Od.* 10, 203-9), que será uma segunda liderança entre os viajantes restantes, quase sempre em conflito com o herói. Euríloco será o líder da metade dos tripulantes que sai para investigar a ilha. Diante da armadilha de Circe, que atrai os homens para transformá-los em animais,²² Euríloco mostra

¹⁹ Alfred Heubeck (1990, p. 49, citando Eisenberger) supõe que Odisseu consegue escapar pela posição relativamente exposta do navio do capitão, que a teria escolhido pelo senso de responsabilidade próprio do comandante. Irene de Jong (2001, p. 254) imagina que poderia ser um ato de providência, como quando Odisseu leva o vinho de Ismaro para a caverna do ciclope, mas o herói não comenta para não antecipar a conclusão da aventura. Agradeço a Leonardo Medeiros Vieira por chamar minha atenção para esta passagem.

²⁰ A partir da aventura de Circe, Bruce Loudon (1999, p. 2) propõe o seguinte padrão narrativo da *Odisseia*: Odisseu, conforme uma profecia, chega numa ilha sem saber onde está. Um ajudante divino aparece e o aconselha sobre como se aproximar de uma figura feminina poderosa que tem controle sobre a sequência de seu retorno e aponta dificuldades quanto a um grupo de jovens. Com a identidade em segredo, Odisseu se aproxima da figura que inicialmente é desconfiada ou hostil, passa num teste e recebe uma oferta de união sexual/casamento. Entretanto, surge o conflito com o bando de jovens que maltratam Odisseu e violam uma interdição divina. Os líderes têm nomes paralelos iniciados com *Eury-* (Euríloco, Euríalo, Eurímaco). O bando é destruído conforme uma profecia, e uma consulta divina limita a extensão dessa destruição. As multiformas desse padrão seriam: (1) Eeia – Circe – tripulação, (2) Esquéria – Nausícaa/Arete – atletas feácios, (3) Ítaca – Penélope – pretendentes. Em cada sequência um elemento tem atenção e desenvolvimento especial, e as duas primeiras funcionam como antecipações de Ítaca.

²¹ As traduções citadas são de Christian Werner (2018) com eventuais alterações.

²² Para Charles Segal (1968, p. 421-5), Circe, mágica e sensual, encarna os prazeres do sexo em seus aspectos restauradores e perigosos, passando de ameaça terrível a ajudante. Ela entende Odisseu, ao contrário de Calipso, e, por isso, não tem nenhum objetivo de substituir Penélope, como deseja a outra deusa. Pietro Pucci (1998, p. 159) vê na transformação de homens em porcos uma manifestação mágica de um jogo de sedução e desprezo, de atração sexual e impossibilidade de realizá-la.

que aprendeu com as últimas aventuras e, desconfiado, fica para trás (*Od.* 10, 232), enquanto seus tolos companheiros são capturados por Circe. Nessa posição de líder de metade dos homens, Euríloco mantém a sua desconfiança só para si, sem compartilhá-la com o resto do grupo. Quando conta o que aconteceu para Odisseu, sua sugestão será de fugir para se salvarem (*Od.* 10, 429-38). Ele permanecerá desconfiado mesmo depois de Odisseu ter com Circe, posicionando-se como crítico da insensatez que o herói já havia demonstrado na ilha do ciclope (*Od.* 10, 429-37).²³ Odisseu, mostrando-se como capitão corajoso, arrisca-se a ir atrás de seus homens.²⁴ Com a ajuda de Hermes, se tornará amante de Circe (*Od.* 10, 334-5)²⁵ e garantirá que os que tinham sido transformados voltem à forma humana, inclusive bem mais bonitos do que eram antes (*Od.* 10, 395-9). É notável que ele não apresente as motivações de Hermes ao lhe fornecer *môly*, a planta mágica que o deixa imune aos fármacos de Circe, e ao lhe ensinar todos os passos para se dar bem no duelo contra a deusa. É diferente da aparição de Hermes na ilha de Calipso, em que o narrador homérico apresenta aos ouvintes ou leitores toda a articulação divina que levou à intervenção do deus.

A estadia em Eeia com Circe dura um ano, e são os tripulantes (*Od.* 10, 488-95), mais uma vez agindo sensatamente, que precisam convencer Odisseu a continuar o retorno (*Od.* 10, 472-4). Circe irá indicar a necessidade de passarem antes pelos domínios de Hades, o que estabelece o início da segunda fase das aventuras.²⁶

²³ Odisseu delibera se corta fora ou não a cabeça de Euríloco depois dessa fala, mas é acalmado pelos companheiros (*Od.* 10, 438-42). Como observa Christian Werner (2005, p. 14), é o ato de trazer à tona seu erro que desperta a reação violenta de Odisseu.

²⁴ Charles Segal (1969, p. 425-6) observa que a espada que Odisseu leva e saca contra Circe, embora também possa funcionar como possível símbolo da sexualidade masculina, é símbolo de sua identidade heroica (inadequada, como ao armar-se inutilmente para derrotar Cila, acrescenta Assunção, 2011, p. 159).

²⁵ Sobre as relações de Odisseu com Circe e Calipso e seus papéis no retorno de Odisseu, cf. Assunção (2011).

²⁶ Nanno Marinatos (2001, p. 382-401) compara a jornada egípcia do sol ao redor do cosmos circular com as aventuras de Odisseu até os limites do mundo, mundo que também egípcios e babilônios entendiam como circular e rodeado por água. Na sua leitura, ressalta que as ilhas de Circe e de Calipso estão localizadas em junções cósmicas, onde os caminhos da noite e do dia se encontram. Circe, a filha do Sol (Hesíodo, *Teogonia*, 1011), habita onde o sol nasce (*Od.* 12, 1-4), e Calipso habitaria onde o sol se põe, pelo significado do seu nome, relacionado a *kaḥiptō*, “esconder”, por estar distante no mar (*Od.* 7, 245) e por ser filha de Atlas (*Od.* 1, 52-4), que, segundo Hesíodo, fica no extremo oeste (Hesíodo, *Teogonia*, 517-20, 746-8, 779). Os domínios de Hades estariam no fim do caminho da noite, próximo a Circe, e a ilha do Sol, no fim do caminho do dia, perto de Calipso, com os feácios fazendo a transição irreversível entre esse caminho cósmico e o mundo humano.

3. TENSÃO E CONTROLE DA INFORMAÇÃO: A SEGUNDA PARTE DAS NARRATIVAS

Estruturalmente, a viagem aos domínios de Hades, em que Odisseu receberá a profecia de Tirésias, é o ponto central das aventuras na *Odisseia*.²⁷ A consulta a Tirésias, antes de antecipar para o herói a situação em Ítaca, sua vingança e a futura viagem por terra,²⁸ concede-lhe informações privilegiadas sobre o trajeto restante para seu retorno, especificamente, sobre a aventura de Trinácia, a ilha do gado do Sol (*Od.* 11, 104-14). A profecia oferece três alternativas possíveis de futuro (e de sequência narrativa), baseadas em três possibilidades alternativas de ação humana:²⁹ 1) se refrear o coração (*thymós*) e não mexer com o gado do Sol, terá um regresso sofrido; 2) se fizer mal ao gado, receberá desgraça; 3) se apenas ele evitar fazer mal ao gado, regressará depois de um longo tempo e sem os companheiros. A partir desse momento, Odisseu sabe parcialmente o que esperar de seu caminho, e esse conhecimento será ampliado com o retorno à ilha de Circe para sepultar Elpenor.³⁰ Circe repete as possibilidades apresentadas por Tirésias e acrescenta informações sobre as sereias, incluindo um plano para que Odisseu escute em segurança sua canção (*Od.* 12, 39-54), e mais uma sequência de alternativas de caminho (*Od.* 12, 55-8), com as Rochas Errantes, Cila e Caríbdis. A sugestão de Circe é passar por Cila (*Od.* 12, 81-2 e 108-10), ainda que ela inevitavelmente mate seis homens, um com cada uma de suas cabeças (*Od.* 12, 98-100).

Odisseu não está mais diante do imprevisível, mas seus companheiros estão, porque o herói, apesar de declarar a todos que “não carece que só um ou dois conheçam/ os ditos divinos que Circe me anunciou” (*Od.* 12, 154-5), na prática, irá dosar as informações que repassa a sua tripulação, falando das sereias, mas não de Cila ou de Trinácia.

O capitão instrui seus homens para prepararem a travessia pelas sereias de modo que as escute, e os companheiros o protegem quando, tentado pelo canto, ele faz sinais para que o desamarrem (*Od.* 12, 173-200). Entretanto, quando decide, também seguindo a recomendação de Circe, passar pelo estreito de Cila, não diz nada sobre a inevitável morte de seis homens. Acertadamente, aceita o sacrifício desses seis marinheiros aleatórios³¹ para garantir a travessia (*Od.* 12, 222-5). Odisseu presencia a cena que considera a mais grotesca de

²⁷ É o núcleo da estrutura proposta por Glenn Most (1999, p. 490).

²⁸ A profecia de Tirésias (*Od.* 11, 118-37) sugere que a fúria de Possêidon só passaria (e, portanto, Odisseu só poderia morrer tranquilamente afastado do mar), caso o herói realizasse uma nova odisseia, agora por terra, para oferecer sacrifícios a este deus entre homens que não conhecem o mar. A profecia inclui a aventura de Odisseu após o recorte narrativo da *Odisseia*, incluindo em sua narrativa desde seu nascimento e nomeação (*Od.* 19, 399-409) até a futura morte. No poema, apenas uma divindade, como Atena, ou um adivinho (*mántis*), como Tirésias ou Teoclímeno (*Od.* 15, 529-30), é capaz de transmitir informações sobre a continuidade da história do herói e de sua linhagem.

²⁹ Cf. Marks (2008, p. 95), que vê na profecia de Tirésias a indicação de alguns possíveis futuros não-homéricos de Odisseu, e Peradotto (1990, p. 66-7), que indica a natureza condicional da profecia que explicita a moldura em que a decisão acontecerá.

³⁰ John Peradotto (1990, p. 61) nota que a morte de Elpenor é o gancho para fazer Odisseu retornar a Circe e receber suas previsões.

³¹ Segundo Odisseu, Cila arrebatou os mais fortes (*Od.* 12, 245-6).

toda sua viagem, com os companheiros sendo comidos vivos e implorando por sua salvação (*Od.* 12, 256-9), mas, apesar do alto custo humano, garante a sobrevivência do restante da tripulação e a continuidade da viagem.

A tensão final entre o capitão e sua tripulação é resolvida da pior forma possível na aventura de Trinácia. É uma aventura já esperada pelos leitores ou ouvintes da *Odisséia*, uma vez que é anunciada logo no próêmio do poema (*Od.* 1, 9-10), marcando o momento em que o herói passa a viajar sozinho e antecipando que a insensatez (*atasthaliai*) dos tripulantes em comer a carne proibida do gado do Sol causará suas mortes, apesar dos esforços contrários de Odisseu. Sem sucesso, ele tenta convencer seus companheiros, que desejam se abastecer de suprimentos, a não desembarcar na ilha (*Od.* 12, 271-6):

Ouvi meu discurso, companheiros, mesmo sofrendo,
pois vos direi os ditos proféticos de Tíréias
e de Circe de Ecia, que com insistência me ordenou
evitar a ilha de Sol deleita-mortal:
dizia lá estar o mais terrível mal para nós.
Vamos, ao largo dessa ilha guiai a negra nau.

Odisseu narra que invocou a autoridade de Tíréias e Circe para anunciar o perigo, entretanto, a grande lacuna de sua atuação neste ponto como líder, segundo seu próprio relato, é não explicitar para seus companheiros que tipo de perigo é esse, quais suas possíveis consequências e como evitá-las. O herói tem todas essas informações, mas não as transmite para todos. Diferentemente da aventura de Cila, no caso de Trinácia não há nenhum ganho coletivo em regular a informação. Isso faz com que o debate com Euríloco seja o pior momento da capacidade argumentativa do capitão, pois Euríloco convence a tripulação a desembarcar, invocando a dureza e o perigo da navegação noturna com suas tempestades que sobrevêm repentinas, além da possibilidade de preparar uma refeição saborosa (*Od.* 12, 279-83).

Depois que Odisseu falha em convencer seus companheiros a não desembarcarem, ventos contrários os obrigam a permanecer na ilha até que seus suprimentos se esgotem. Ele até pede que os homens se abstenham da carne das vacas e ovelhas da ilha, explicando que são propriedade do Sol, deus terrível (*Od.* 12, 320-3), mas também nessa oportunidade guarda para si as três alternativas de destino. Sem provisões, eles têm que improvisar com a caça de pássaros ou a pesca e inevitavelmente passam fome (*Od.* 12, 325-32).³² Os ventos que impedem o navio de, depois de atracado, continuar a viagem não estavam no pacote de informações que Odisseu havia adquirido. As três opções da profecia já transformavam a

³² Para Bernard Fenik (1974, p. 213), os companheiros são levados a cometer a ação imprópria pelos próprios deuses, que primeiro desencadeiam, com os ventos, uma atitude desesperada nos marinheiros e depois os punem com a morte na tempestade. R. B. Rutherford (1986, p. 153) considera a fome da tripulação uma situação sem solução. A ação de Zeus aparece apenas no discurso de Odisseu, não no do narrador, e a sobrevivência do herói mostra que haveria saída, mas, conforme a armação profética da narrativa, provavelmente acessível apenas para Odisseu.

aventura de Trinácia num teste de autocontrole, mas esse detalhe, meio desesperador para os marinheiros, não tinha sido antecipado.

O capitão e os tripulantes se encontram, então, diante de uma decisão: manter uma dieta de fome ou sacrificar o gado do Sol. A má decisão é tomada enquanto Odisseu dorme (*Od.* 12, 338), de modo semelhante ao da aventura de Éolo e seu saco de ventos, depois da seguinte fala de Euríloco (*Od.* 12, 340-51):

“Ouvi meu discurso, companheiros, mesmo sofrendo.
Há muitas mortes hediondas para os pobres mortais,
e o mais deplorável é morrer, achar o fado, de fome.
Mas vamos, toquemos as melhores vacas de Sol
e sacrifiquemos aos deuses, que do largo céu dispõem.
E se chegarmos a Ítaca, à terra pátria,
de imediato a Sol Hipérion ergueremos
templo rico, onde poremos oferendas, muitas e valiosas.
E se, enraivecido pelas vacas chifre-reto,
ele quiser destruir a nau, e o apoiarem os demais deuses,
prefiro de uma vez, boca aberta na onda, perder a vida
a fenecer longo tempo numa ilha deserta”.

Fica claro que a tripulação sacrifica as vacas de forma consciente e depois de uma deliberação. Como anunciado desde o proêmio, é a própria falta de autocontrole, e não a ausência de orientação por parte de Odisseu, a causa final da morte da tripulação.³³ Euríloco trata a questão como se o fluxo de possibilidades fosse o seguinte: (1) em caso de não sacrificar o gado: morte lenta passando fome; (2) em caso de sacrificar o gado: possibilidade de morte por afogamento no mar; (3) em caso de sacrificar e conseguir voltar para casa: necessidade de compensação por essa transgressão.³⁴ No fim, sua abordagem é em parte excessivamente pessimista (quando reduz sua escolha à inanição ou ao afogamento) e em parte excessivamente otimista (quando imagina que poderia compensar o deus de alguma maneira).³⁵ A sobrevivência de Odisseu, a grande façanha de seu autocontrole, revela que a

³³ Félix Jácome (2013, p. 212-3) lê esta passagem ressaltando a diferença entre a posição adotada pelo narrador nos primeiros versos do poema, quando caracteriza a decisão da tripulação como “loucura e insensatez”, e a própria narração de Odisseu, que valoriza a “situação calamitosa” que leva à “escolha desesperada”, ou seja, uma “decisão coletiva diante do impasse extremo”. Ambos concordamos que a versão de Odisseu, que dá voz a Euríloco, modula e humaniza a ação dos tripulantes, com a pequena diferença de que me aproximo da interpretação de Margalit Finkelberg (1995), da *atasthalia* como “deliberação equivocada”. Isso será exposto na sequência do texto e na próxima nota de rodapé.

³⁴ Como observa Margalit Finkelberg (1995, p. 26), é uma deliberação o mais racional possível, embora leve à decisão errada. Há uma superposição entre dois dos três tipos de erro que Finkelberg identifica: no erro dos pretendentes é a incapacidade de conter o *thymós* que leva à *atasthalia*. A deliberação acontece como resposta à ideia de que não dá para sustentar o desconforto da fome constante.

³⁵ Bruce Loudon (1999, p. 15) observa que no último discurso de Euríloco (*Od.* 12, 340-51) a pior morte é a pela fome, mas no discurso que faz com que a tripulação desembarque na ilha (*Od.* 12, 279-93), é a morte no mar que deve ser evitada a qualquer custo.

questão não era escolher o tipo de morte, e sim escolher como manter a vida até o limite de suas possibilidades: abrindo mão da alimentação farta e suportando, por tempo indefinido, um regime parco de aves e peixes, pouco ao gosto das personagens homéricas. Ou seja: sem o bastante para se saciar e sem nenhuma garantia de sustentabilidade a médio ou longo prazo.³⁶ Euríloco e os outros companheiros não são personagens malvados,³⁷ mas não seguem o aviso parcialmente repassado por Odisseu, porque não têm a resistência e persistência que exigia uma situação de privação que se prolonga indefinidamente e sem perspectiva de solução.³⁸ Essa diferença é necessária para a continuidade da narrativa que a *Odisseia* propõe desde seus versos iniciais, em que Odisseu retorna para casa sem os companheiros. Depois de encher a pança com a carne das vacas do Sol, toda a tripulação será morta na tempestade exigida pelo deus ofendido, consolidando a terceira alternativa dentre as apresentadas por Circe e deixando Odisseu sozinho na ilha de Calipso.³⁹

³⁶ Para Rainer Friedrich (1987, p. 390-1), a alegação de que só resta escolher entre os dois tipos de morte é um truque retórico de Euríloco, como estratégia de persuasão numa situação em que a autopreservação não está em questão, só a preferência por uma dieta mais farta e mais ao gosto grego. Entretanto, é preciso reconhecer que a vontade de persuadir os companheiros parte de uma situação extrema. Se fosse uma situação segura, o episódio de Trinácia não seria, como Friedrich indica, a *aristeia* da *tlamosýnē* de Odisseu (sua grande façanha de resistência), como o episódio do ciclope é a de sua *mētis* (“astúcia”), com a ressalva de que, também na caverna de Polifemo, Odisseu precisa conter seu *thymós* (“ânimo”) para não matá-lo com a saída ainda bloqueada (cf. Clay, 1997, p. 123-4). Para Erwin Cook (1995, p. 60), como a tripulação é avisada, trata-se de um teste explícito de autocontrole.

³⁷ Eles se aproximam dos pretendentes na oposição a Odisseu, na *atasthalía*, no consumo de carne interdita, na punição e mesmo no desprezo por avisos, mas não convém ignorar as diferenças das circunstâncias em que suas transgressões acontecem. A principal distinção é que os pretendentes, diante da situação atípica de um homem que nem retorna para casa, nem é confirmado como morto, criam para si mesmos o cenário – o assédio a Penélope e à casa de Odisseu – que os leva aos atos de insensatez, enquanto os tripulantes respondem (de forma insensata) a uma situação de risco à qual foram levados por forças além de seu controle.

³⁸ George Dimock (1989, p. 9-11) observa isso já no próprio proêmio, condensado na oposição entre *plánkthē* (“vagou”, com a ambivalência dos sentidos de “vagueou” e “apanhou, foi batido”, primeira palavra do segundo verso do poema) e *ésthion* (“comiam”, primeira palavra do nono verso do poema): enquanto Odisseu aguentou o sofrimento e experienciou o mundo – ou ao menos seguiu viagem através da tempestade –, os tripulantes não resistiram e não sobreviveram.

³⁹ Michael Nagler (1990, p. 339-40) observa que a tripulação ao menos tenta uma simulação do ritual de sacrifício (*Od.* 12, 356-63, com preces, mas sem grãos e vinho). Para Nagler (1990, p. 341), o assassinato sacrílego do gado do Sol é um comentário ao desprezo dos tripulantes pelas leis sociais e econômicas, que estabelece a lógica sacrificial que se aplicará aos pretendentes e justifica o massacre, “a violência do herói contra seu grupo social apresentada como único meio de recuperar ou estabelecer ordem”. Realmente, tripulantes e pretendentes cometem transgressões e são punidos por causa disso, o que restaura a ordem da relação entre humanos e deuses (no caso da tripulação) e das relações sociais em Ítaca (no caso dos pretendentes). Entretanto, há uma diferença no modo como as motivações dessas transgressões são apresentadas na narrativa. Cada pretendente busca, inicialmente, obter as riquezas da casa de Odisseu e a realeza em Ítaca (isto é, ocupar a posição de especial prestígio social),

4. CONCLUSÃO: A TERCEIRA PARTE DAS AVENTURAS

Odisseu acaba em Ogígia, com Calipso (*Od.* 12, 447-51), depois de, como único sobrevivente da tempestade, virar-se para não ser sugado por Caríbdis (*Od.* 12, 430-46). O herói não conta com detalhes sua chegada à ilha de Calipso, apenas seu acolhimento pela deusa que o desejava como marido e o temporário prazer da estadia (*Od.* 5, 153). Entretanto, nas duas próximas vezes em que Odisseu se vê diante de uma terra ainda não identificada (Esquéria e, depois, Ítaca) sua reação é um lamento (*Od.* 6, 119-21 = *Od.* 13, 200-2):

Ai de mim, dessa vez atinjo a terra de que mortais?
Serão eles desmedidos, selvagens e injustos,
ou hospitaleiros, com mente que teme o deus?

De modo geral, a questão sobre a hospitalidade continua a mesma de quando aportou na ilha do ciclope, mas agora não com a expectativa de ser recebido conforme os costumes gregos, e sim com a consciência de que nesse mundo existem outros modos de vida, outras maneiras de se receberem estrangeiros e mesmo outros tipos de seres vivos.⁴⁰ Depois de viajar sem ter recebido nenhuma antecipação especial a respeito do que virá (no percurso entre Troia e a ilha de Circe) e de viajar também com informações privilegiadas sobre a sequência do trajeto (entre a ilha de Circe e a ilha do gado do Sol), Odisseu entende que navega numa zona de encontros que estão além da expectativa humana. Com esse conhecimento, ele dirá: “por onde serei levado?” (*Od.* 13, 203-4), “agora uma divindade me jogou neste lugar, para que também aqui eu sofra um mal” (*Od.* 6, 172-3).

Na aventura de Éolo e seu saco de ventos e na aventura de Trinácia, o controle da informação está pareado ao tema da insensatez dos companheiros: no primeiro caso, para dar sequência às aventuras com o tempero da quase chegada em Ítaca e, no segundo, para preparar a morte da tripulação. A sequência da narrativa como um todo, que corresponde ao plano de Zeus ou ao destinado, é arquitetada de modo a incluir todas essas aventuras, de modo que as alternativas (como chegar em Ítaca com o saco de ventos ou resistir ao gado do Sol) sejam apenas elementos que tornam a narrativa mais interessante ao conceber para o leitor (ou ouvinte) outras linhas narrativas possíveis que não se desenvolvem. É também um reforço para o programa moral da *Odisseia*, segundo o qual aqueles que cometem atos insensatos são punidos. Mais do que isso, o tema da falta de transparência de Odisseu para com sua tripulação ameniza a insensatez de seus companheiros, fazendo com que o próprio herói se apresente para os feácios como alguém que, apesar de sua inteligência

através do casamento com Penélope (cf. Scodel, 2001, p. 309-12), e, posteriormente, como conjunto, eles planejam matar Telêmaco às escondidas e dividir as riquezas, que não mais ficariam todas para o eventual novo marido escolhido por Penélope (cf. Scodel, 2001, p. 316-8). Os tripulantes, por sua vez, buscam o mero benefício da existência, uma vez que apenas respondem, de forma desesperada, a uma situação de risco ou, ao menos, de progressivo enfraquecimento.

⁴⁰ Karl Reinhardt (1995, p. 80) também chama a atenção para o herói que lamenta assim que chega a Esquéria e a Ítaca como marca das mudanças nele a partir de suas aventuras.

e autocontrole, também comete erros e, por isso, está na situação humilde de suplicar acolhimento e transporte para casa. Além disso, faz com que os erros dos tripulantes sejam mais convincentes como representação de erros humanos, resultantes em parte de processos de deliberação com motivações e objetivos bem definidos, mesmo com o desconhecimento de informações decisivas que, se conhecidas por esses personagens, exigiriam que eles fossem homens burros para além de um limite adequado fora de um contexto cômico ao extremo. Eles são homens tolos que cometem uma grande insensatez num momento especialmente bizarro.

Da parte de Odisseu, não é também como se ele fosse o pior dos líderes. Ele alterna atos insensatos e decisões acertadas, construindo, como narrador, sua própria imagem de forma positiva no geral. O herói não deixa de narrar seus erros, ora comentando seu arrependimento, ora deixando suas falhas subentendidas. Nesses momentos, ocupando essa posição de líder, aparece como personagem que, apesar de favorecido pelos deuses e apesar de sua astúcia e de seu autocontrole fora do normal, é, no fim das contas, um humano, submetido às incertezas e aos conflitos humanos.

REFERÊNCIAS

- ASSUNÇÃO, Teodoro Rennó. Infidelidades veladas: Ulisses entre Circe e Calipso na *Odisseia*. *Nuntius Antiquus*, v. 7, n. 2, p. 153-176, 2011. DOI: <http://dx.doi.org/10.17851/1983-3636.7.2.152-176>
- ASSUNÇÃO, Teodoro Rennó. Lotófagos (*Odisseia* IX, 82-104): comida floral fácil e risco de desistência. *Classica*, v. 29, n. 1, p. 273-294, 2016. DOI: <https://doi.org/10.24277/classica.v29i1.416>
- BAKKER, Egbert J. *The meaning of meat and the structure of the Odyssey*. Cambridge: Cambridge University Press, 2013.
- BECK, Deborah. Odysseus: narrator, storyteller, poet? *Classical Philology*, v. 100, n. 3, p. 213-227, 2005.
- CLAY, Jenny Strauss. *The wrath of Athena*. New York: Rowman & Littlefield Publishers, 1997.
- COOK, Erwin. *The Odyssey in Athens. Myths of cultural origins*. London and Ithaca: Cornell University Press, 1995.
- DIMOCK, George E. *The unity of the Odyssey*. Amherst: The University of Massachusetts Press, 1989.
- FENIK, Bernard. *Studies in the Odyssey*. Wiesbaden: Franz Steiner Verlag, 1974.
- FINKELBERG, Margalit. Patterns of human error in Homer. *Journal of Hellenic Studies*, v. 115, p. 15-28, 1995.
- FRAME, Douglas. *The myth of return in early Greek epic*. New Haven: Yale University Press, 1978.
- FRIEDRICH, Rainer. The hybris of Odysseus. *Journal of Hellenic Studies*, v. 111, p. 16-28, 1991.

FRIEDRICH, Rainer. Thrinakia and Zeus's ways to men in the *Odyssey*. *Greek, Roman and Byzantine Studies*, v. 28, p. 375-400, 1987.

HESÍODO. *Hesiodi Theogonia, Opera et dies, Scutum*. Edidit Friedrich Solmsen. *Fragmenta selecta*. Ediderunt R. Merkelbach et M. L. West. Editio Tertia. Oxford: Oxford University Press, 1990.

HEUBECK, Alfred. Books IX-XII. In: HEUBECK, Alfred; HOEKSTRA, Arie. *A commentary on Homer's Odyssey*. Oxford: Oxford University Press, 1990. v. 2.

HOMERO. *Homeri Ilias*. Edidit T. W. Allen. Oxford: Clarendon Press, 1931. 2v.

HOMERO. *Homeri Odyssea*. Recognovit Helmut van Thiel. Hildesheim: Georg Olms Verlag, 1991.

HOMERO. *Odisseia*. Tradução de Christian Werner. Colagens: Odiros Mlászho. São Paulo: Ubu, 2018.

HOPMAN, Marianne. Narrative and rhetoric in Odysseus' tales to the Phaeacians. *American Journal of Philology*, v. 133, n. 1, p. 1-30, 2012.

JÁCOME NETO, Félix. A arte de Homero e o historiador: observações introdutórias. *Romanitas – Revista de Estudos Grecolatinos*, n. 2, p. 197-218, 2013.

de JONG, Irene J. F. *A narratological commentary on the Odyssey*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

de JONG, Irene J. F. The subjective style in Odysseus' wanderings. *Classical Quarterly, New Series*, v. 42, n. 1, p. 1-11, 1992.

LOUDEN, Bruce. *The Odyssey: structure, narration and meaning*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1999.

MALTA, André. *A astúcia de ninguém: ser e não ser na Odisseia*. Uma interpretação do poema de Homero seguida da tradução de oito cantos. Belo Horizonte: Impressões de Minas, 2018.

MARINATOS, Nanno. The cosmic journey of Odysseus. *Numen*, v. 48, n. 4, p. 381-416, 2001.

MARKS, Jim. *Zeus in the Odyssey*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 2008.

MOST, Glenn. The structure and function of Odysseus' *Apologoi*. In: de JONG, J. F. (Ed.). *Homer: Critical Assessments*. London: Routledge, 1999. v. 3, p. 486-503.

NAGLER, Michael N. Odysseus: the proem and the problem. *Classical Antiquity*, v. 9, n. 2, p. 335-56, 1990.

PERADOTTO, John. *Man in the middle voice: name and narration in the Odyssey*. Princeton: Princeton University Press, 1990.

PUCCI, Pietro. Odysseus narrator: the end of the heroic race. In: _____. *The Song of the Sirens. Essays on Homer*. Lanham: Rowman & Littlefield Publishers, 1998, p. 131-77.

REECE, Steven. *The stranger's welcome*. Oral theory and the aesthetics of the homeric hospitality scene. Ann Arbor: The University of Michigan Press, 1993.

REINHARDT, Karl. The adventures in the *Odyssey*. Translated by Harriet I. Flower. In: SCHEIN, S. L. (Ed.). *Reading the Odyssey: Selected Interpretive Essays*. Princeton: Princeton University Press, 1995, p. 63-132.

RUTHERFORD, Richard B. The philosophy of the *Odyssey*. *Journal of Hellenic Studies*, v. 106, p. 145-62, 1986.

SCODEL, Ruth. The suitors' games. *The American Journal of Philology*, v. 122, n. 3, p. 307-27, 2001.

SEGAL, Charles. Circean temptations: Homer, Vergil, Ovid. *Transactions and Proceedings of the American Philological Association*, v. 99, p. 419-42, 1968.

SEGAL, Charles. *Singers, Heroes, and Gods in the Odyssey*. Ithaca: Cornell University Press, 1994.

WERNER, Christian. Os limites da autoridade de Odisseu na *Odisseia*. *Caliope*, n. 13, p. 9-29, 2005.

WEST, Martin L. *The epic cycle: a commentary on the lost Troy epics*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

ZANON, Camila Aline. *Onde vivem os monstros: criaturas prodigiosas na poesia de Homero e de Hesíodo*. São Paulo: Humanitas, 2018.